

COESÃO SOCIAL EM *THE BLACK ALBUM*, DE HANIF KUREISHI

SOCIAL COHESION IN *THE BLACK ALBUM*, BY HANIF KUREISHI

Dionei Mathias⁷²

RESUMO: No romance *The Black Album*, publicado por Hanif Kureishi em 1995 e traduzido para o português em 1997, com o título de *O álbum negro*, o escritor britânico expõe o processo de formação do protagonista Shahid, filho de imigrantes paquistaneses na Inglaterra. Além de tratar de questões centrais para a segunda geração, isto é, para os filhos de imigrantes, como identidade, pertencimento, voz, o romance também aborda a questão da coesão social e suas formas de manutenção. Nisso, o protagonista observa os diversos modos de interação e posicionamento de atores sociais com afiliações diferentes, a fim de refletir sobre a coesão social. Essa reflexão apresenta dois eixos, que vão formar a estrutura deste artigo: a imaginação da nação por um lado e violência e racismo por outro. Shahid chega à conclusão que sem diálogo, a coesão social corre um risco substancial de ser fragilizada, produzindo um caos social.

PALAVRAS-CHAVE: *O álbum negro*; Hanif Kureishi; coesão social.

ABSTRACT: In the novel *The Black Album*, published by Hanif Kureishi in 1995 and translated to Portuguese in 1997 as *O álbum negro*, the British writer presents the formation process of the main character, called Shahid, son of Pakistani immigrants in England. Besides tackling pivotal questions to the second generation, e.g., to the children of immigrants, such as identity, belongingness, voice, the novel also deals with the question of social cohesion and ways of maintaining it. In this context, the main character becomes aware of different forms of interaction and positioning between social actors with different affiliations, which enables him to think about social cohesion. This reflexion shows two main lines, which will structure this article: the imagination work of a nation on the one side and violence and racism on the other. Shahid comes to the conclusion that without dialogue, social cohesion runs a substantial risk of being weakened, producing social chaos.

KEYWORDS: *The Black Album*; Hanif Kureishi, social cohesion.

⁷² Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná – Brasil. Doutor em Letras pela Universität Hamburg – Alemanha. Mestre em Letras pela Universität Hamburg – Alemanha. Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Maria – Brasil. E-mail: dioneimathias@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XX está caracterizada por uma intensificação de fluxos migratórios, especialmente em direção a países com um maior potencial econômico e maior estabilidade na segurança social. Os motivos que desencadearam esses fluxos são diversos, começando pela necessidade de mão de obra no pós-guerra, mas incluindo também os diversos conflitos que assolaram e continuam assolando diferentes espaços sociais mundo afora. Para o contexto da Inglaterra, a chegada da *Empire Windrush*, em 1948, é simbólica, representando certamente não o primeiro navio que trazia imigrantes, mas possivelmente aquele que ficou mais profundamente marcado no imaginário nacional como o início de um grande movimento de imigração (STEIN, 2004 p. 4). Nesse imaginário, o país se concebia majoritariamente como espaço étnica e culturalmente homogêneo, no qual as periferias do extenso império britânico tinham grande importância, mas somente como adereço ou prova que reforçava o poder global desse espaço nacional.

A chegada de atores sociais oriundos das ex-colônias trouxe mais cores e culturas ao país. Em parte como cidadãos da Comunidade das Nações, pessoas da Jamaica, da Índia, do Paquistão, do Bangladesh, da Nigéria e de outros países do continente africano começaram a chegar na Inglaterra e trazer consigo, além de suas características étnicas, também novas formas de ver e organizar o mundo (UPSTONE, 2010, p. 4). Nessas novas modalidades de apropriação e configuração de realidade, figuram práticas religiosas, administração de valores comportamentais ou lógicas próprias de interação social. Setenta anos após a chegada do *Empire Windrush*, que serve como marco na memória nacional de imigração, o país é outro e o imaginário nacional foi igualmente alterado, como argumenta Patrick Vernon (2018), em seu artigo de opinião, publicado no *The Guardian*. O processo de reformulação desse imaginário nacional, contudo, não foi pacífico e passou por um longo processo de negociação midiática, em consonância com o teorema proposto por Anderson (2009, p. 82).

Muitas vezes essa negociação adotou um tom hostil na discussão pública como exemplificam o discurso “Rivers of Blood” de Enoch Powell, em abril de 1968 (POWELL, 2018), e a entrevista de Margaret Thatcher concedida em janeiro de 1978, ao jornalista Gordon Burns, da Granada TV. Nela a futura primeira-ministra, que vai governar o país ao longo de uma década, conjura a imagem da imigração como perigo de destruição. Mais recentemente, Nigel Farage, do partido UKIP, tem feito manchetes com seu posicionamento anti-imigração (STEWART/MASON, 2018). Essa discussão política, no espaço público, sobre a questão da imigração tem reflexos diretos sobre a jurisdição, estabelecendo regras de trânsito cada vez mais rígidas e discriminatórias para esses atores sociais (NASTA, 2016, p. 26). A hostilidade latente no plano do discurso político se torna mais explícita nas interações cotidianas. Exemplos para isso são os tumultos violentos de 1976 em Notting Hill ou 1981 em Brixton ou atos de cunho claramente xenófobo como cartazes com textos que diziam: “Rooms to Let. No Irish, No Coloureds”.

Os atos de hostilidade e violência acabam servindo também como material para o urdimento da tessitura do imaginário nacional. As interações na esfera pública do plano político como também da esfera privada do cotidiano representam negociações, nas quais os diferentes atores sociais definem quem pode falar onde e com que impacto sobre a concretização da vida naquele espaço social. Escritores que se sentem afiliados ao campo literário que vem sendo denominado de *Black British Literature* (STEIN, 2004) ou *Asian British Literature* (UPSTONE, 2010) têm discutido essa problemática em seus textos ficcionais, encenando na esfera diegética as inúmeras negociações que marcam o processo de reimaginação do espaço nacional e da obtenção de voz, colocando no centro de suas tramas protagonistas com uma história de imigração.

A produção literária oriunda de contextos de fluxos migratórios discute o estabelecimento de uma voz própria, as lógicas sutis de inclusão e exclusão, a necessidade de pertencimento, a diferença de ação e percepção pautada pelo

princípio da cultura, mas também a questão da coesão social diante da diversidade de interesses que regem uma sociedade. Hanif Kureishi, escritor inglês, cujos pai é paquistanês, discute essa questão, entre muitas outras, em seu romance *The Black Album*, de 1995, traduzido para o português em 1997, por Celso Nogueira, com o título de *O Álbum Negro*. Nele imigrantes, filhos de imigrantes, representantes da cultura hegemônica inglesa interagem e negociam formas de pensar e organizar o espaço social da vida. O que transpira da discussão desencadeada por Kureishi é o perigo crescente do desequilíbrio da coesão social.

O conceito da coesão social tem recebido uma discussão interdisciplinar, no nível microssocial das relações interpessoais, no nível mesossocial das interações entre indivíduo e grupo e no nível macrossocial das interações entre ator social e sociedade (WHELAN/MAÎTRE, 2005). Em todas essas esferas, o interesse de análise reside na tentativa de compreender a dinâmica de produção de solidariedade, isto é, entender o que acontece quando diferentes instâncias sociais se dispõem a perseguir um objetivo comum, urdindo laços que imaginam e compartilham uma mesma narrativa de futuro (COSTA ET ALIA, 1995) ou explicar os motivos quando isso não ocorre, a fim de compreender os motivos de desequilíbrios no convívio social pacífico.

Jenson (1998, p. 15) enumera seis eixos, nos quais essa tessitura da coesão social se concretiza: valores comuns, igualdade de oportunidades, participação no processo de tomada de decisão de uma sociedade, o acolhimento da diversidade e a legitimação das diferentes instituições de um espaço social. Nessas diferentes formas de organizar a narrativa de um espaço social, os diversos atores sociais podem alcançar voz e agência com diferentes graus de impacto sobre a concretização daquilo que vai compor a malha da sociedade. Em havendo uma discrepância demasiado acentuada no processo de participação, surgem rupturas e contingências, traduzidas na realidade social por meio de conflitos e perda de energia produtiva. Uma sociedade

constantemente confrontada com conflitos por não conseguir instaurar um sistema de igualdade mínima de chances ou não atender as necessidades de diferentes estratos sociais canaliza sua energia intelectual e produtiva em resolver conflitos, perdendo, portanto, um importante potencial de inovação social e de força produtiva.

Na esfera diegética, Kureishi discute essas questões no embate entre os interesses de representantes de grupos hegemônicos e os novos atores sociais que se juntaram à sociedade inglesa em decorrência de fluxos migratórios. Com efeito, o romance mostra a fragilidade da coesão social e os inúmeros potenciais de intensificação de conflitos, diante de princípios de exclusão e silenciamento. Nesse sentido, o artigo pretende discutir a fragilização da coesão social desencadeada por representantes do grupo hegemônico e a reação, também marcada pelo perigo de enfraquecimento das malhas sociais, por parte de personagens com uma história de imigração. O objetivo de Hanif Kureishi parece residir no desejo de alertar sobre os potenciais destrutivos inerentes à ausência de diálogo.

2. PERTENCIMENTO E IMAGINAÇÃO NACIONAL

O universo diegético do romance retrata o processo de formação do jovem Shahid, filho de imigrantes paquistaneses, na Inglaterra. Como muitos protagonistas de romances de formação, ele deixa o espaço inicial de socialização, neste caso o interior da Inglaterra, em direção ao grande mundo, em seu caso Londres. Nessa cidade, frequenta a universidade e encontra novos amigos, que, por sua vez, o confrontam com uma série de novas ideias, diante das quais precisa se posicionar. Com efeito, ele interage com dois grupos diferentes: por um lado, com interlocutores que têm uma história de imigração em sua família, por outro lado, com atores sociais cuja socialização cultural é essencialmente inglesa. Nesse processo de interação com esses diferentes

representantes da malha social, os indícios sobre o estado da coesão social se concretizam e revelam algo sobre a narrativa social nesse espaço da vida. Isso fica evidente primeiramente na forma de imaginar a nação, com suas lógicas bastante diversas de inclusão e exclusão.

Em diferentes momentos da narrativa, os personagens secundários que interagem com o protagonista revelam seus posicionamentos sobre como se veem inseridos no contexto nacional ou como veem os outros na condição de imigrante. Assim, Chad, um dos amigos muçulmanos que Shahid vem a conhecer na universidade, o coloca diante de uma imagem, na qual há claras rupturas na coesão da malha nacional:

‘Eles vivem no nível mais baixo! E nós ainda pensamos que queremos nos integrar. Mas não devemos ser assimilados, pois assim perderemos a alma. Somos orgulhosos, e somos obedientes. O que há de errado nisso? Não somos nós que precisamos mudar e sim o mundo!’ Chad olhava para Shahid. ‘Os infiéis queimarão no fogo do inferno, você sabe disso muito bem’ (KUREISHI, 1997, p. 88)⁷³

Como Shahid, Chad é filho de imigrantes, portanto pertencente a segunda geração, contudo, ao contrário do amigo, Chad foi adotado por uma família inglesa e se encontra numa profunda crise identitária que o arremessa a uma visão de mundo pautada pelo princípio do essencialismo cultural. Com efeito, ele acredita encontrar numa concepção essencial de sua suposta cultura de origem a solução para sua crise, adotando para isso um comportamento radicalista que se obstina em negar qualquer tentativa de diálogo. Ao longo da narrativa, as contradições assumem um tom cada vez mais concreto, pois sua socialização cultural é britânica, embora ele queira negar isso. Dessa busca por

⁷³ “They are existing at the lowest level! And we think we want to integrate here! But we must not assimilate, that way we lose our souls. We are proud and we are obedient. What is wrong with that? It’s not we who must change, but the world!’ Chad was looking at Shahid. ‘It’s hell-fire for disbelievers, you know that.’ (KUREISHI, 1995, p. 81).

pertencimento e por um lugar de fala, em que sua voz não seja constantemente silenciada, surge um posicionamento diante do espaço nacional que é bastante problemático.

Na passagem citada, Chad conjura uma configuração polarizada dos interesses que definem a interação nesse espaço, indicando uma hierarquia pessoal de valores, na qual o outro não tem sua aceitação. Nessa esteira, ele rechaça qualquer comportamento de integração ou assimilação, o que, até certo momento, poderia fomentar uma maior coesão social. No lugar da aproximação, sua imaginação avança em direção ao distanciamento, já que aquele que não se enquadra em sua visão de mundo terá por futuro a destruição. Nessa ideia ele segue seu mentor Riaz, outro personagem secundário que pertence ao grupo de amigos muçulmanos. Para este, a religião serve como marco intransponível de separação, exaltando a diferença entre cristãos e muçulmanos: “não somos cristãos medrosos [...] não damos a outra face” (KUREISHI, 1997, p. 89)⁷⁴.

Dentre os personagens secundários que pertencem ao grupo hegemônico, o esforço de imaginar uma sociedade coesa na qual todas as vozes têm condições igualitárias de participação é igualmente problemático. Assim o representante do *Labour Party*, o qual possivelmente representa o partido mais propenso a ouvir e dar voz aos interesses de imigrantes, está disposto a auxiliar no processo de obtenção de um espaço público, no qual a comunidade muçulmana pode venerar uma berinjela milagrosa – uma passagem grotesca do romance, na qual o autor questiona e ridiculariza os extremos do fervor religioso. Contudo, o que parece movê-lo é o desejo de angariar votos.

O tom irônico revela que não compartilha da mesma visão de mundo: “Mas que multidão maravilhosa, reunida para adorar o fruto da terra! Mas que berinjela popular, orgulho da nossa mesa! Como o milagre é um método de comunicação eficiente! Ainda bem que Deus não escolheu um distrito dominado

⁷⁴ “We’re not blasted Christians [...] we don’t turn the other cheek” (KUREISHI, 1995, p. 82).

pelos conservadores!” (KUREISHI, 1997, p. 185).⁷⁵ A forma como ele se expressa sobre aquilo que para o grupo minoritário é algo de grande importância parece indicar que não acredita realmente que os anseios, com os quais eles se aproximam dele como representante político, tenham legitimidade naquele espaço. Nisso, ele também imagina a nação, atribuindo às necessidades religiosos do grupo minoritário um lugar inferior na escala hierárquica.

Ao contrário do representante político, que utiliza suas palavras com moderação e sutileza, não explicitando seu posicionamento sobre o lugar da comunidade de imigrantes no cenário nacional, o personagem Jump, um amigo da cunhada de Shahid, é muito mais direto ao expressar suas opiniões:

Jump prosseguiu: Não é verdade que você se juntou aos militantes maometanos? Shahid olhou para Zulma, que sorriu. Pois devo avisá-lo de que eles estão entrando na França, por Marselha, e na Itália, pelo sul. Em breve, invadirão os países comunistas enfraquecidos, e depois o coração da Europa civilizada. Fazem-se passar por vendedores de jóias, e nos chamam de preconceituosos e intolerantes (KUREISHI, 1997, p. 198)⁷⁶.

Como muitos outros personagens, ele cria grupos a partir da utilização do pronome “nós”, omitido na tradução para o português, excluindo seu interlocutor do grupo hegemônico, ao qual pertence. Ele suscita a imagem polarizada de dois grupos, dentre os quais o grupo hegemônico é o civilizado e o grupo minoritário caracterizado como invasor e perigoso. O discurso adotado nesse contexto não está muito distante daquilo que políticos com pautas anti-imigração defendem no universo extraficcional. Com efeito, o personagem

⁷⁵ “What a marvellous crowd, worshipping the fruit of the earth! What a popular aubergine, top of the vegetable table! What a sound method of communication the miracle is! Thank God a Tory borough wasn’t chosen!” (KUREISHI, 1995, p. 177).

⁷⁶ “Jump continued: ‘Isn’t it a fact that you have joined the militant Muhammadans?’ Shahid glanced at Zulma, who grimaced. ‘Because I’m telling you, we know they are entering France through Marseilles and Italy through the south. Soon they will be seeping through the weakened Communist regions, into the heart of civilized Europe, often posing as jewellery salesmen while accusing us of prejudice and bigotry’ (KUREISHI, 1995, p. 190).

parece um ventríloquo de representantes públicos com ideias pouco diferenciadas.

A nação imaginada por ele definitivamente não inclui o imigrante muçulmano como parte integral desse espaço social. Pelo contrário, ele figura como inimigo a ser vigiado e combatido, despertando sua desconfiança. Nessa linha de argumentação, ele já se arma contra possíveis acusações de preconceito ou discriminação, a fim de evitar seu silenciamento, mantendo uma voz que permite excluir. A imagem que surge diante é de uma guerra, na qual interesses diferentes se opõem e precisam ser combatidos. Não há, nesse esforço de imaginação, um lugar para o outro. Nesse contexto, Jump – o nome é revelador, pois parece indicar o caráter exaltado do seu comportamento – revela suas opiniões de forma quase ingênua e demasiado segura de seu lugar na hierarquia daquele espaço. Isso o diferencia de vários outros atores sociais, cujos pensamentos permanecem velados, praticando o princípio da exclusão a partir de ações e comportamentos dissimulados. Soma-se a isso o tom cômico, quase grotesco, quando Jump fala por exemplo: “Vocês pretendem cortar nossas gargantas enquanto dormimos. Ou converter infiéis como nós. Em pouco tempo, os livros e ... e... o bacon serão proibidos. Não é isso que seu povo deseja? (KUREISHI, 1997, p. 199).⁷⁷ A comicidade dessa passagem surge não somente pelo exagero de suas palavras, mas também pela concatenação de palavras como “livros”, “bacon” e “proibidos”, formando no original uma aliteração iniciada pela letra b. Como muitas passagens do romance de Kureishi, também esta é ambígua. Ela é cômica por conta do exagero, subversiva por desmascarar a discriminação velada do grupo hegemônico, mas também de uma ironia voltada ao grupo minoritário, pois a realidade diegética acaba mostrando que,

⁷⁷ “You will slit the throats of us infidels as we sleep. Or convert us. Soon books and ... bacon will be banned. Isn’t that what you people want?” (KUREISHI, 1995, p. 191).

de fato, livros são queimados, o que faz esse personagem secundário ter razão, ao menos em parte.

Nesse e em outros contextos, Kureishi mostra quão difícil é chegar a um consenso ou ao menos divisar uma ideia daquilo que é certo ou de identificar qual verdade deve nortear a concretização das ações que marcam um espaço social. Nesse universo diegético, não raramente as ideias oriundas de atores sociais com posicionamentos pouco diferenciados sobre a sociedade em que vivem, sejam eles representantes do grupo hegemônico como do grupo minoritário, nem sempre podem ser completamente rejeitadas: elas estão certas e não estão, forçando o leitor a reler e se distanciar de uma configuração dicotômica. Isso também vale para o modo como se imagina a nação e sua coesão social. No romance de Kureishi e em sua encenação da imaginação nacional empreendida pelos representantes de diferentes estratos sociais, a coesão social se revela como sumamente desequilibrada e fragilizada. Há um potencial substancial de animosidade, em parte, mesmo violência, com um claro anseio de exclusão e silenciamento de vozes alheias.

3. RACISMO E VIOLÊNCIA

Enquanto o esforço da imaginação nacional e seu impacto para a coesão social permanece, em grande parte, no plano intelectual, racismo e violência se concretizam no cotidiano, fazendo suas vítimas sentirem a fragilização da malha social, na qual vivem. O que se encontra contraposto aqui são práticas discursivas de interpretação de mundo acompanhadas por dispositivos de disciplinamento do corpo alheio, por um lado, e práticas de gerenciamento do corpo acompanhadas de medidas práticas de imposição de dor, por outro. Se no primeiro movimento, a voz era concedida no modo como expressava suas visões de mundo em diferentes lugares de tomada de decisão, no segundo, a voz assume um caráter mais imediato, no modo como o corpo e sua voz interagem

no plano social, iniciando ações e instaurando novas realidades comportamentais. A forma como esses diferentes corpos interagem revela algo sobre o grau de coesão social num determinado espaço.

Violência e racismo ocupam um lugar de destaque no universo diegético do romance, às vezes simplesmente permanecendo como pano de fundo de muitas interações. Assim, já no início do romance, quando o protagonista conhece seus novos amigos, ele relata suas experiências com essa forma de interação:

Bem, você sabe, fui atacado e perseguido muitas vezes. Tudo isso me tornou terrivelmente sensível. Comecei a pensar que faltava alguma coisa em mim [...] Aonde quer que eu fosse, era sempre o único de pele escura. Como as pessoas me viam, em função disso? Passei a ter medo de ir a determinados lugares. Nunca sabia o que os outros pensavam. Convenci-me de que todos estavam cheios de desprezo, nojo e ódio. Caso se mostrassem agradáveis, imaginava que eram hipócritas. Virei paranoico. Não tinha coragem de sair. Vivia confuso, e ... ferrei tudo (KUREISHI, 1997, p. 18)⁷⁸.

Ao chegar na universidade para dar continuidade a seu processo de formação, portanto, Shahid já traz uma bagagem afetiva marcada pela experiência violenta da exclusão. Suas memórias revelam a intensidade com a qual sentiu sua diferença, nos espaços que transitava, o que por sua vez produziu uma configuração afetiva marcada pelo princípio da desconfiança. Esta, que no microcosmo subjetivo impede a concretização de interações saudáveis e coesivas, também se estabelece no macrocosmo social, bloqueando a aproximação dos diferentes atores sociais que definem ações e comportamentos nessas coordenadas. Com efeito, o protagonista simplesmente

⁷⁸ "I had been kicked around and chased a lot, you know. It made me terrifyingly sensitive. I kept thinking there was something I lacked. [...] Everywhere I went I was the only dark-skinned person. How did this make people see me? I began to be scared of going into certain places. I didn't know what they were thinking. I was convinced they were full of sneering and disgust and hatred. And if they were pleasant, I imagined they were hypocrites. I became paranoid. I couldn't go out. I knew I was confused and ...fucked up (KUREISHI, 1995, p. 10).

não experimenta a sensação de pertencer legitimamente àquele espaço, o que é acentuado por meio da violência da qual é vítima. Nesse contexto, a coesão social se encontra fragilizada, já que há um claro empenho de energia por parte de grupo majoritário em silenciar a voz daqueles que não se enquadram na imagem daquilo que consideram essencialmente representante de seu grupo.

Interessantemente a estratégia que o protagonista utiliza para dar conta dessas tentativas violentas de silenciá-lo é a identificação com o inimigo e a subsequente internalização de seus valores. Como sua lógica de pensamento está pautada pela crença de que se o comportamento racista concede pertencimento, ele assume que essa modalidade acional é necessária para poder pertencer também. Desse modo, a fim obter a confiança do grupo majoritário ele, de certo modo, imita seu comportamento, mesmo que este esteja voltado contra seu próprio grupo de origem. O processo de assimilação ou integração certamente pode contribuir para o aprofundamento da coesão social. Neste caso, no entanto, esse caminho definitivamente não é viável, já que a coesão está pautada pelo princípio da violência, cujo fundamento é o antônimo da coesão.

A violência, contudo, não se limita somente ao passado diegético. Durante sua permanência na universidade, Shahid também é confrontado com hostilidades que fragilizam o convívio entre os diferentes grupos. Assim, ele e seus amigos decidem ajudar uma família de estrangeiros que vive num conjunto habitacional bastante precário e se torna vítima de ataques racistas por parte de grupo hegemônico. Com efeito, eles permanecem na casa dessa família, a fim de protegê-la, especialmente à noite, quando é hostilizada da forma mais covarde. Durante essa campanha, Shahid se vê confrontado com uma representante do grupo majoritário e sua visão de mundo:

Na esperança de satisfazer Chad, Shahid gritou para a mulher: “Por que não deixa nossa gente em paz? Por acaso fizemos alguma coisa contra vocês? Fomos à sua casa para insultá-la, ou atirar pedras? Nós a obrigamos a morar neste prédio fedorento? [...] Páqui, páqui, páqui,

gritava. Seu corpo se tornou uma coluna recurvada pela raiva, por cuja abertura superior jorravam ofensas. Vocês roubaram nossos empregos! Nossas casas! Os páquis ficaram com tudo! Devolvam o que roubaram e voltem para casa! (KUREISHI, 1995, p. 147)⁷⁹.

Shahid, sob a pressão desencadeada pela expectativa de seus amigos, constrói a imagem de uma identidade de grupo, assumindo portanto uma lógica nós-eles que alimenta visões dicotômicas. Nisso, as perguntas dirigidas à mulher que os agride indica a dimensão da hostilidade existente naquele espaço, explicitando o grau de violência perpetrada tanto no nível verbal como físico. O configuração espacial revela que os atores sociais que interagem nessas coordenadas pertencem aos estratos menos privilegiados. Essa fragilização socioeconômica intensifica configurações afetivas pautadas pelo ódio e pelo desejo de exclusão, já que a interpretação de realidade que circula em seu meio sugere que a culpa reside na presença de imigrantes. Incapaz, diante da escassez de recursos, de realizar uma análise mais aprofundada que exigiria tempo, energia intelectual e uma reflexão diferenciada, a representante do grupo hegemônico não consegue identificar as condições mais complexas inerentes à responsabilidade política pelo aumento da desigualdade social e pela distribuição desequilibrada de chances. Desse modo, o outro e sua alteridade parecem ser responsáveis pela miséria em que se encontra, o que os transforma em alvo de um ódio visceralmente intensificado, com um potencial bastante aumentado para a perpetração de violência.

Em determinado momento do enredo, ocorre uma explosão de bomba numa estação de trem londrina, a qual desencadeia uma sensação maior de solidariedade entre desconhecidos que circulam nesse espaço. Diante da

⁷⁹ In the hope to satisfy Chad, Shahid yelled at the woman: 'Can't you leave these people alone? What have they ever done to hurt you? Have they come to your house and abused you or thrown stones? Did they make you live in these mildewed flats? [...] 'Paki! Paki! Paki!' she screamed. Her body had become na arched limb of hatred with a livid opening at the tip, spewing curses. 'You stolen our jobs! Taken our housing! Paki got everything! Give it back and go back home! (KUREISHI, 1995, p. 139).

imprevisibilidade da violência que os atinge, há uma mudança repentina no modo como cada um enxerga o outro, isto é, há um deslocamento do outro como objeto em direção a sua humanização. Envolvido nessa experiência peculiar, Shahid se embrenha por uma reflexão acerca das motivações por trás da violência e suas implicações para o convívio social:

O aquelas pessoas sentiam? Raiva, confusão, pois em algum lugar ocultava-se um exército de ressentidos. Mas a que facção pertenceriam? A que organização clandestina? Qual seria a guerra, causa ou movimento que se manifestava assim? O mundo andava cheio de causas fervorosas, a clamar por vingança – isso, pelo menos, já sabia. Do outro lado, no meio da cidade, usufruindo do bom e do melhor, sem olhar para nada, viviam os complacentes. Naquele dia, os ‘bem-aventurados’, os que tinham emprego e casa própria, descobriam, enquanto perambulavam pelas ruas à procura de um telefone público que funcionasse, que eles também poderiam ser caçados, atormentados, sitiados. Pois eram culpados: teriam de pagar, e pagariam, (KUREISHI, 1997, p. 110)⁸⁰.

De certo modo, a experiência na qual se vê envolvido e, sobretudo, a mudança do modo como atores sociais desconhecidos interagem, quebrando por alguns poucos momentos a quarta parede da invisibilidade social, o leva a construir uma analogia entre esse comportamento no plano do microcosmo da interação para o plano do macrocosmo das expectativas sociais. Ele constata primeiramente a intensidade da energia afetiva investida nas causas defendidas por alguns grupos, indicando um eixo de observação muito importante: se cada grupo cujas causas não têm apoio optar pela violência, a interação social vai se tornar um campo de guerrilha, onde todos lutam contra todos. Por outro lado, ele também destaca os interesses dos grupos cujos objetivos foram alcançados

⁸⁰ What did they feel? Confusion and anger, because somewhere outside lurked armies of resentment. But which faction was it? Which underground group? Which war, cause or grievance was being demonstrated? The world was full of seething causes which required vengeance – that at least was known. While inside the city, gorging on plenty without looking up, were the complacent. And today ‘the lucky ones’, those with mortgages and jobs, wandering the streets in search of a working phone, were meant to know they could be stalked, picked off, besieged. For they were guilty. They would have to pay and pay (KUREISHI, 1995, p. 103).

e que se encontram num momento de segurança e bem-estar sociais. A configuração afetiva que caracteriza esse grupo tem como base a indiferença diante da dor alheia. A indiferença, contudo, contém um risco substancial de fragilizar o equilíbrio social, aumentando o potencial de comportamentos violentos. Com isso, o protagonista equipara os excessos de fervor unilateral por parte de grupos que defendem suas causas, por um lado, e os excessos de indiferença daquelas cujas causas têm voz, por outro. Em ambos os casos o potencial de enfraquecimento da coesão social é bastante amplo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sua trajetória de formação, o protagonista passa por diversas experiências que vão lapidando não somente seu projeto de identidade, mas sua capacidade de reflexão sobre o espaço social no qual circula. Seu desejo de conhecimento e, sobretudo, de diferenciação lhe permite enxergar as dinâmicas que mantêm o equilíbrio de uma sociedade. É seu olhar atento e seu esforço analítico, que não se contentam com o imediatamente óbvio, que abrem o caminho para um processo de compreensão marcado por uma apreensão da realidade marcada pelo princípio da ambiguidade. Não são categorias dicotômicas que separam nitidamente grupos minoritários de grupos hegemônicos ou que conjuram imagens de inclusão e exclusão. O que caracteriza sua percepção é a visão que ambos os grupos têm um papel fundamental no processo de urdimento da coesão social.

Nesse sentido, ele constata que a imaginação da nação como tessitura coesiva de um espaço de interação não se restringe somente ao que é ideado pelo grupo hegemônico. Independentemente das configurações de inclusão e exclusão, os grupos minoritários também desbravam narrativas nacionais, imaginando seu lugar e o lugar dos outros no coro das vozes que definem as imagens daquele espaço. Nisso, ambos os atores sociais apresentam

comportamentos, em parte, extremos e restritivos, tentando silenciar ou elidir a presença do outro. Isso também vale para a presença da violência perpetrada pelos dois lados, produzindo um espaço social marcado pela insegurança e por uma luta de todos contra todos. Disso ele depreende a necessidade de diferenciar e, sobretudo, estabelecer uma base de diálogo, a fim de evitar um desequilíbrio ainda maior da coesão social.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COSTA, Albert A., et alia. The Structure of Group Cohesion. In: *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 21 (6), 1995, p. 572-80.

JENSON, Jane. *Mapping social cohesion: The state of Canadian research*. Ottawa: Canadian Policy Research Networks Inc., 1998.

KUREISHI, Hanif. *The Black Album*. London: Faber and Faber, 1995.

KUREISHI, Hanif. *O Álbum Negro*. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NASTA, Susheila. 1940s-1970s. In: OSBORNE, Deirdre (ed.). *The Cambridge companion to British Black and Asian literature (1945-2010)*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 23-39.

POWELL, Enoch. Rivers of Blood speech of 20th April, 1968. *Conservative Party Archive*. In: <https://www.bodleian.ox.ac.uk/cpa/collections/speech-transcripts>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

STEIN, Mark. *Black British Literature. Novels of Transformation*. Columbus: The Ohio State University, 2004.

STEWART, Heather; MASON, Rowena. Nigel Farage's anti-migrant poster reported to police. In: *The Guardian*, de 16 de junho de 2016. <https://www.theguardian.com/politics/2016/jun/16/nigel-farage-defends-ukip-breaking-point-poster-queue-of-migrants>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

THATCHER, Margaret. TV Interview for Granada *World in Action* ("rather swamped"). *Margaret Thatcher Foundation*. In: <https://www.margarethatcher.org/document/103485>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

UPSTONE, Sara. *British Asian fiction. Twenty-first-century voices*. Manchester: Manchester University Press, 2010.

VERNON, Patrick. The Windrush shaped Britain. Why not recognise that? In: *The Guardian*, de 9 de maio de 2018. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/may/09/windrush-shaped-britain-70-years-immigration-national-holiday>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

WHELAN, Christopher. T.; MAÎTRE, Bertrand. Economic vulnerability, multidimensional deprivation and social cohesion in an enlarged European community. *International Journal of Comparative Sociology*, 46 (3), 2005, p. 215-239.

Recebido em 09/06/2018.

Aceito em 24/09/2018.